

A ILUSÃO FECUNDA - A LUTA POR EDUCAÇÃO NOS MOVIMENTOS POPULARES

Marília Pontes SPÓSITO, São Paulo, Hucitec, 1993. 398p.

Carlos Rodrigues BRANDÃO*

Tudo o que se dá como uma prática e ao pensamento, é um lugar desde onde é possível e poder ser fecundo ler mundos, destinos, homens e tudo o mais que, em diferentes momentos e dimensões, entrecruza isto tudo, como a liberdade ou a justiça, o desenvolvimento social e o desejo de ser feliz, o poder, a questão ambiental, os mistérios da existência ou a evidência da morte.

Assim a educação. Só que de suas muitas faces por muito tempo ela escondeu algumas. Por isso a *ilusão fecunda* é um pouco mais do que um trabalho técnico exaustivo e competente em sua área. Ele é um exercício de desvelamento. Uma espécie de incômoda visita ao porão, de inventário a respeito do que se passa entre os encanamentos de água, a fiação elétrica embutida nas paredes e a trama oculta dos esgotos de dejetos, para descrever de maneira crítica e arguta aos que estão na sala da casa, o que se passa ali onde estão. O que acontece à volta dela e, por estar esquecido ou intencionalmente oculto, revela-a melhor do que a aparente arquitetura interna de seus móveis e quadros na parede.

Os últimos 30 anos apenas tornaram mais visível, mais partilhada dentro e fora dos domínios profissionais e proximamente políticos da educação, alguma coisa que de maneira menos estrepitosa por certo já vinha acontecendo desde antes. Duas tendências entre outras poderiam ser anotadas então. A primeira, mas culturalmente interna à própria educação, torna-a mais ativamente um campo de experiências pedagógicas, didáticas. Cômocemos bastante os seus fracassos e frutos e não é o caso de se falar sobre isso agora. A segunda, mais socialmente externa e perigosamente relacional, começava a pensar a educação como uma forma de movimento social entre outros. Segundo alguns, até mesmo à frente de outros.

* Professor doutor de Antropologia da UNICAMP

Dirigida a crianças, mas também a adolescentes, jovens e adultos, descobriamos tardiamente que o que se inventa e troca na sala de aula não serve somente a ensinar-e-aprender. Serve a pensar e a pensar-se; a experimentar o mundo com as próprias idéias, a tornar-se um sujeito crítico, presente, participante. A mesma educação por muito tempo destinada à socialização do ajustamento podia subverter-se em várias pedagogias da inquietude, em verdadeiras práticas culturais da insubserviência, um dos caminhos da partilha entre todos, principalmente entre os excluídos, das mudanças e transformações da sociedade para as quais o saber via educação deveria ser também dirigido. A idéia e as práticas de uma educação popular foram geradas por volta dos anos 60 (já antes a mesma expressão fora usada por outros educadores, com sentidos próximos e distantes) dentro desta idéia emergente da associação entre o trabalho do educador e a construção cidadã de sujeitos não apenas educados para o mercado e a fruição individualista dos seus ilusórios bens, mas sobretudo para a generosa construção social de outros mundos, regidos por outros tipos de relacionamentos entre as pessoas e as instituições, criados através de respostas até então difíceis de serem perguntadas. Muito se escreveu sobre isto.

Mas há em um outro lado ainda e até há pouco ele era o menos conhecido. Não é muito difícil reconhê-lo quando, por exemplo, algumas notícias nos jornais dos últimos meses mostravam os protestos dos pais de estudantes de classes médias diante do "preço do ensino" nas escolas particulares. Algumas delas sugeriam uma espécie de "volta à escola pública", agora por razões econômicas. Mas como também por razões econômicas, entre outras, as nossas escolas públicas hoje em dia "são o que são", algumas notícias davam conta de iniciativas de mães e pais destinadas a tornar mais efetiva as suas presenças nas escolas e, com isto, lutar pela "melhoria da qualidade do ensino público".

Essas questões, os seus motivos, os seus "movimentos", os seus símbolos são mais antigos e provêm de outros atores sociais, em outros lugares da mesma São Paulo onde, premidos pela crise, outros pais e mães primeiro redescobrem e, depois, desejam reinventar a escola pública.

Se de um lado os anos 60 inventaram entre nós a educação como um movimento social, os anos de 70 para cá revigoram a luta dos movimentos populares pela educação, melhor ainda, pelos direitos dos excluídos de que o estado cumpra o dever de fazê-los serem educados em qualidade. A *Ilusão Fecunda* narra esta história. Melhor ainda, o livro de Marília Spósito transforma os seus fatos aparentemente sequentes e esparsos, em um drama social. Ei-los postos frente a frente: de um lado os moradores das periferias pobres da cidade, organizados ano a ano em movimentos populares, mobilizados, insistentes, acostumados à espera, ao protesto justo e à volta. De outro lado os sucessivos agentes dos poderes, desde os tempos dos governos militares. Ao retomar uma história de São Paulo olhada da periferia para o centro e, depois, ao reconstruir as histórias particulares dos divórcios entre os desejos e necessidades de educação dos excluídos do "centro" e das escolas, e os interesses e as manobras dos governantes, Marília Spósito traz para um um plano, ao mesmo tempo rotineiro

e exemplar, uma narrativa científica de acontecimentos a partir de onde o olhar inteligente do leitor pode tanto conhecer e desvelar as teias dos enfrentamentos entre o povo e o poder, quando pode, a partir do que descobre aí, pensar algumas estruturas e lógicas políticas dos mesmos processos, vividos pelos mesmos e outros sujeitos, em planos mais amplos da própria vida social.

Quando a autora anuncia que procura traçar a "radiografia das principais manifestações de lutas por educação na cidade..." esta idéia de "radiografia" pode ser lida em duplo sentido. A primeira é a de um olhar em profundidade. Pois trata-se de desocultar algo mais do que as visões e estratégias de enfrentamento de um lado e do outro, os movimentos populares por educação *versus* as instituições governamentais, especialmente as relativas à educação. De uma maneira diferente de como se procede na maioria dos estudos sobre questões semelhantes, quando a ótica e a lógica de um dos lados do "drama da luta" aparece como a única tratada, em **A Ilusão Fecunda**, mesmo quando as batalhas por educação nas periferias de São Paulo estejam sendo descritas e interpretadas do ponto de vista de seus protagonistas populares, é toda a história que importa e é a visão tão completa quanto possível do que de fato aconteceu o que Marília Spósito descreve.

"Radiografia" pode evocar também, em **A Ilusão Fecunda**, a imagem de um espelho invertido. Porque narradas com dados e de uma maneira imparcialmente objetiva, as lutas populares por educação em São Paulo são pensadas enquanto vividas pelos seus atores populares. O livro faz a reconstrução da memória das pessoas, seus agentes individuais, seus atores, homens e mulheres com nomes e faces, mesmo quando participantes de movimentos e organizações populares através dos quais mães e pais migrantes em maioria, moradores das casas sem números das ruas sem equipamentos de uma cidade perversamente tentacular, saem de suas rotinas e vêm "ao centro" enfrentar governadores, secretários, cães pastores e policiais.

É muito pobre no Brasil uma Antropologia da Educação. Existem raros escritos onde algum método de antropologia seja aplicado na pesquisa da educação. Talvez porque, mais do que em outros, este seja um campo de estudos durante muito tempo marcado pelo rigorismo de posturas desconfiadas do que se possa fazer como análise e interpretação, quando não se é distanciadamente "neutro", "objetivo", "quantitativo" e assim por diante. Desde **O Povo Vai à Escola** Marília Spósito desconfia desta injustificada desconfiança. Pois se em outras áreas do conhecimento sobre a sociedade e a cultura, métodos pessoalmente qualitativos e posturas assumidamente pessoais, participativas mesmo, têm produzido desde antes mesmo da antropologia clássica, experiências de interpretação tão indiscutíveis quanto ao seu rigor e ao seu poder de pensar, por que não submeter à educação um mesmo tipo de procedimento? **A Ilusão Fecunda** é o resultado de uma *convivência* confessada por sua autora. É mesmo o resultado de uma cumplicidade assumida, de uma mistura não envergonhada entre o olhar

¹ publicado por Edições Loyola, S.P.

critério do cientista da educação e a vontade pessoal de aprender por si mesmo entre outros. De ouvir não tanto atores entrevistados, mas pessoas reais que traduzem emotivamente o sentido de suas lutas a partir de suas sensibilidades, de suas próprias vidas.

A educação sempre aprende muito a respeito de si mesma quando se permite sair "de si mesma" e olhar-se de outros, de fora para dentro, do aparentemente ilusório para o que parece ser solidamente essencial. Este livro que desmonta o poder para desvelar a educação, faz o grande bem de silenciar por um momento os supostos atores "de dentro" da educação, para trazer a ela o testemunho daqueles que, justamente por haverem sido tão postos à margem dela e da sociedade que gera a sua educação e os seus excluídos, talvez sejam os que melhor possam revelar a sua urgente face oculta.

(Recebido para publicação em 02.09.94 e
liberado para publicação em 20.10.94)